

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA SOBRE A PROFISSÃO E A PROFISSIONALIDADE DOCENTE

Marli André *

Márcia Hobold **

RESUMO

Com o presente trabalho objetivou-se conhecer as representações de estudantes dos cursos de licenciatura de uma instituição privada do sul do Brasil. O principal instrumento de coleta de dados foi o questionário que buscou conhecer os motivos e as expectativas em relação à futura profissão. Os sujeitos da pesquisa foram 100 estudantes matriculados no primeiro ano do curso de licenciatura de diferentes áreas. Os resultados do questionário mostraram que a grande maioria dos futuros professores se sente motivada a buscar uma formação que os prepare para fazer com que seus alunos sejam capazes de aprender. Revelaram, em seus depoimentos, que sua escolha profissional teve o apoio de seus pais. Seus amigos, no entanto, criticam sua decisão profissional pela baixa remuneração, pelo desprestígio social e pelas eventuais dificuldades com os alunos que frequentam a escola hoje. Na questão em que os estudantes podiam se expressar mais livremente, surgiram posições heterogêneas entre uma visão idealizada e romântica da profissão e uma consciência das dificuldades a serem enfrentadas.

Palavras-chave: Profissão docente – Licenciatura – Representações.

ABSTRACT

PROSPECTIVE TEACHERS' SOCIAL REPRESENTATIONS ON TEACHING AS A PROFESSION

The main objective of this paper is to know how students from a big private university located in the South of the country represent teaching. A survey type of questionnaire was used to both describe the group of 100 students and to disclose their views, motifs and expectations towards their future profession. The results showed that the majority of the students feel themselves motivated to find new teaching methods so that most of their pupils will be able to learn. When talking about their professional choice, the students report that they received family support, but their friends were

* Doutora em Educação. Professora do “Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Endereço para correspondência: PUC-SP, Rua Ministro Godói, 969, sala 4E15 – 05014-901 São Paulo. E-mail: marliandre@pucsp.br

** Doutora em Psicologia da Educação. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Endereço para correspondência: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Campus Universitário, s/n, Bom Retiro – 89201-974 Joinville/SC. E-mail: marcia.hobold@univille.br

very critical of their choice, based on the following reasons: teaching is a badly paid profession, has low social prestige and to teach children and young nowadays is not an easy task. Data from the opened question revealed both romantic and idealized views as well as realistic and objective perspectives concerning the future teaching profession.

Keywords: Teaching profession – Teacher education – Social representations

Introdução

Realizar pesquisas que permitam conhecer como os futuros professores percebem, entendem e explicam a profissão docente é uma tarefa relevante, pois com base nos dados obtidos, as instituições formadoras podem ter um ponto de partida para construir seu projeto político pedagógico. Isso permitirá que as disciplinas e demais atividades da formação inicial sejam planejadas de modo a que os futuros professores possam confrontar suas expectativas e crenças sobre a profissão docente com os conhecimentos a que forem expostos no curso.

Embora se reconheça a relevância da temática, estudos que se disponham a investigar as percepções, os modos de entendimento ou as representações dos estudantes dos cursos de licenciatura sobre a profissão docente são ainda bastante escassos no cenário educacional brasileiro (ANDRÉ, 2000)

Os cursos de licenciatura têm um papel fundamental na socialização profissional e na construção da identidade dos professores. É o momento em que os modelos de práticas docentes pré-existentes são aprimorados, remodelados, apreendidos e/ou refutados, seja por meio dos conhecimentos que são veiculados nos cursos de formação, seja pelas experiências, interações, vivências variadas às quais, nessas situações, os estudantes são expostos. Como ressalta Imbernón (2001), é na formação inicial que o futuro professor deve aprender as bases para construir um conhecimento pedagógico especializado.

A formação inicial tem, assim, um peso considerável na construção da profissionalidade docente, ou seja, no desenvolvimento de saberes, habilidades, atitudes, valores que constituem a especificidade do ser professor.

A profissionalidade é construída por meio das situações exteriores da profissão que são, de alguma maneira, interiorizadas pelos docentes e representadas na sua ação profissional. Há, neste caso, uma internalização da exteriorização dos conceitos e das concepções advindas do campo profissional da docência. As internalizações não são neutras ou simplesmente absorvidas, elas são ressignificadas pelos indivíduos e constituem a *essência profissional* (GIMENO SACRISTÁN, 1995).

O presente texto busca identificar elementos das representações de estudantes de licenciaturas, futuros professores, sobre os conhecimentos específicos da profissão docente ou sobre a profissionalidade. Discute inicialmente os conceitos de profissionalidade docente e de representações sociais que servem de filtro para a leitura dos dados. Descreve, em seguida, os procedimentos metodológicos e, na sequência, apresenta os resultados da análise.

Profissão e profissionalidade docente

O vocábulo “profissionalidade” surge na Itália entre os anos 1960 e 1970, no contexto dos movimentos sindicais dos trabalhadores para fazer frente às mudanças na organização social do trabalho e para reivindicar o reconhecimento das qualificações profissionais, como afirma Dadoy (1986, citado por MATHEY-PIERRE e BOUDONCLE, 1995, p. 138). É um termo ainda em construção, assumindo em algumas situações uma certa ambiguidade, pois serve tanto para a luta dos trabalhadores para valorizarem as suas qualificações, quanto aos empresários para conseguirem melhores resultados e maior eficiência. De modo geral, falar em profissionalidade é falar de um “conjunto de saberes e de saber fazer, novos ou não, que são estruturados e mobilizados por uma pessoa ou um

grupo em função de um fim, num lugar e num tempo determinado, quase sempre em uma situação nova”, diz Courtois (*apud* MATHEY-PIERRE e BOURDONCLE, 1995, p. 142-143). O mesmo autor explica ainda que a profissionalidade leva em conta a história do indivíduo (pessoal, social, cultural...) e que, contrariamente à qualificação, ela apela explicitamente à motivação, ao sistema de valores dos indivíduos, ela transfere para o âmbito profissional o que seria considerado do domínio “privado”.

As discussões sobre profissionalidade docente surgiram muito recentemente na área de educação, no contexto das reformas educacionais e no sentido de valorização da prática docente. Um dos autores que, de certa maneira, introduziu essa temática no Brasil foi Gimeno Sacristán (1995, p. 65), que formulou a seguinte definição: “Entendemos por profissionalidade a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor.”

Na concepção do autor, a profissionalidade reveste-se de um caráter multifacetado, já que envolve elementos das dimensões cognitiva, afetiva, psicomotora e axiológica. Ele chama, assim, a atenção para o importante papel do sujeito no desenvolvimento da profissionalidade.

No entanto, ele enfatiza que a discussão da profissionalidade não deve se circunscrever ao professor, mas deve ser “parte integrante do debate sobre os fins e as práticas do sistema escolar” (p.65). Ou seja, ele lembra que o sistema escolar é um importante fator a ser considerado, seja porque é onde se concretiza a ação docente, seja porque há vários determinantes desse sistema que extrapolam o desempenho pessoal.

Popkewitz (1986, *apud* Gimeno Sacristán, 1995) declara existirem três fatores que contribuem para a prática pedagógica do professor, isto é, fatores que constituem o fazer docente. O autor considera o contexto propriamente pedagógico, o contexto profissional dos professores e o contexto sócio-cultural. O primeiro, representado pela efetiva prática da docência, constitui-se pelas experiências adquiridas no fazer pedagógico, diário ou de rotina. O segundo refere-se ao con-

texto da classe docente, ou seja, o fazer individual que se torna coletivo e é pinçado para o campo individual. Em outras palavras, a classe de professores legitima determinadas ações que constituem o específico de ser professor. O terceiro aspecto é representado pelo contexto sócio-cultural, ou seja, os conteúdos e os valores eleitos pela própria cultura e legitimados pela sociedade como o acervo fundamental para a formação dos estudantes. Estes conteúdos e valores referenciam a prática docente e são validados pelos professores. Certamente que, nas suas interações sociais e na realização de seu trabalho, o professor ressignifica esses aspectos, porém, são eles que alicerçam a prática pedagógica.

Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004) associam o conceito de profissionalidade docente ao de profissionalização. Para esses autores, a profissionalidade é um processo interno, que consiste na aquisição de conhecimentos específicos que são mobilizados nas atividades docentes. Já a *profissionalização* é um processo externo que se refere ao *profissionismo* ou *profissionalismo* e envolve a reivindicação de *status* dentro da divisão social do trabalho, que requer negociações por grupo de atores no intuito de reconhecimento perante a sociedade das qualidades específicas, complexas e difíceis de serem aprendidas.

Para Contreras (2002), a profissionalidade se refere às qualidades da prática profissional dos professores em função das exigências do trabalho educativo. Nessa perspectiva, falar de profissionalidade significa, “não só descrever o desempenho do trabalho de ensinar, mas também expressar valores e pretensões que se deseja alcançar e desenvolver nessa profissão” (p. 74).

Entende-se, com base nesses vários autores que a profissionalidade docente é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que compõem a competência do professor. Estes aspectos constituem a subjetividade profissional, que são as experiências apreendidas e acionadas no cotidiano escolar. É um ‘saber fazer’ construído por meio de referenciais externos, no qual interferem variados elementos dos campos profissional, político, pessoal, sociocultural, porém, se torna um saber próprio e único. Esse saber não se refere somente à prática, mas também à maneira de postar-se dian-

te da profissão e entendê-la na interação e contribuição social, ética e política.

Muitos fatores concorrem para a constituição da profissionalidade docente, tais como os pessoais e profissionais, os cognitivos e afetivos, os individuais e coletivos. Esses múltiplos aspectos afetam e constituem as experiências escolares, familiares, profissionais, que compõem o repertório do ‘saber fazer’ de um professor, no qual estão incluídos conhecimentos, valores, habilidades, modos de percepção e de compreensão da realidade que o cerca.

Tomar esse repertório como objeto de estudo torna-se fundamental tanto para o próprio docente, que pode decidir se quer ou não modificá-lo na direção desejada, quanto para os formadores de professores, que podem extrair daí elementos para aperfeiçoar suas práticas formativas. A teoria das representações sociais parece-nos ser um instrumental teórico e metodológico muito adequado para esse tipo de investigação, pois permite uma aproximação ao mundo vivido dos sujeitos, ao seu modo particular de entendimento da realidade.

As representações sociais funcionam como um sistema de interpretação da realidade que orienta as relações do sujeito com o meio físico e social e determinam seus comportamentos e práticas.

Para adentrar o campo das representações sociais, apoiamo-nos em Moscovici (1978, p.57), que discute o conceito de representações, como “o que *re-presenta* um ser, uma qualidade, à consciência, quer dizer, presente uma vez mais, atualiza esse ser ou essa qualidade, apesar de sua ausência ou até de sua eventual inexistência”. Ao nos propormos a estudar as representações dos futuros professores sobre a profissionalidade, pretendemos reunir conceitos, experiências que pertençam a regiões distintas de atividades e de discursos sociais, como nos diz Moscovici, para buscar esclarecer um pouco mais a profissionalidade docente.

De acordo com Moscovici (1978), as representações sociais não apenas guiam as ações, mas também remodelam e reconstituem os elementos do meio ambiente em que ocorrem tais ações, integrando-as em uma rede de relações que se vinculam aos objetos, fornecendo as noções teóricas e os fundamentos que tornam essas relações estáveis e eficazes.

A teoria das representações sociais nos ensina que existem, por parte dos estudantes de licenciatura, uma série de conhecimentos sobre o ser professor, que não são propriamente acadêmicos, mas advém da cultura, de suas experiências anteriores como alunos, das práticas e conversações cotidianas (MOSCOVICI, 2003). Esses conhecimentos do senso comum podem coexistir com os conhecimentos profissionais adquiridos no curso de formação ou podem oferecer obstáculos a novas aprendizagens.

Daí a importância de investigarmos como os futuros professores compreendem sua profissão e que expectativas desenvolvem em relação ao magistério, ou seja, que elementos estão presentes em suas representações da profissão docente.

Procedimentos metodológicos

O principal instrumento de coleta de dados foi o questionário, aplicado no ano de 2006 a 100 estudantes de licenciatura de uma universidade comunitária do sul do país, que estavam concluindo o primeiro ano. A aplicação do questionário ocorreu em sala de aula, após a apresentação do objetivos da pesquisa, bem como da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O instrumento utilizado foi o mesmo que vem servindo de base para cerca de 30 grupos de pesquisadores, de universidades brasileiras e estrangeiras, vinculados ao Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – CIERS-Educação. Os estudantes tiveram tempo suficiente para concluírem, individualmente, as respostas.

Os questionários eram compostos por três partes: a primeira tratava de associação livre; os estudantes escreviam quatro palavras que lhe vinham à mente quando eram mencionadas, nessa ordem, as seguintes palavras: DAR AULA, ALUNO e PROFESSOR. A segunda parte, composta de 20 questões tinha o formato de “carta” que o estudante preenchia para ser enviada a um amigo ou a uma amiga. A terceira parte visava caracterizar o aluno, seus dados pessoais e socioeconômicos.

Para fins do presente texto foram consideradas as questões do perfil do estudante e as seis

últimas questões da “carta” a um amigo. Cada questão oferecia quatro opções de escolha, seguidas de um espaço para justificativa da resposta. A última questão era aberta, possibilitando livre manifestação.

Caracterização dos licenciandos

Os dados extraídos do perfil do estudante permitiram fazer uma caracterização do grupo. Dentre os 100 licenciandos, 07 não preencheram os dados do perfil. Entre os 93 respondentes 16 eram da Matemática, 25 de Letras, 20 de História, 14 de Ciências Biológicas e 18 de Educação Física. Todos cursavam o primeiro ano da licenciatura, a grande maioria (88) no período noturno. Os demais (05) estavam matriculados no período da manhã e eram alunos do curso de licenciatura em Educação Física.

Quanto ao gênero, os estudantes estavam distribuídos da seguinte forma:

Curso	Masc.	Fem.
Matemática	03	13
Letras	03	22
História	07	13
Ciências Biológicas	04	10
Educação Física	09	09
Total	26	67

Deste modo, do total de respondentes, 28% são do sexo masculino e 72% do sexo feminino, situação que comprova que nos cursos de formação de professores a grande maioria é composta por estudantes do sexo feminino.

Quanto à “faixa de idade” o questionário permitiu verificar que 41 estudantes (44%) tinham entre 17 e 19 anos; 32 (35%) entre 20 e 23 anos; 16 (17%) tinham entre 24 e 30 anos; e os restantes (03) tinham acima de 31 anos. Um estudante não assinalou nenhuma das quatro alternativas. O que chama a atenção nesse quadro é o grande número de estudantes com menos de 20 anos. É um grupo muito jovem.

Quanto à “cor de pele” 81 licenciandos consideraram-se brancos, 07 pardos, 02 negros, 01 ama-

relo, um assinalou “pardo” e “indígena” e 08 não responderam à questão.

O “estado civil” dos licenciandos ficou assim distribuído: 76 solteiros, 13 casados e/ou casadas e/ou com união estável, 01 separado (desquitado, divorciado), 01 se identificou como “amasiado”, 08 não responderam e 01 assinalou duas opções: “solteiro” e “casado e/ou casada e/ou em união estável”. Esses resultados são compatíveis com a juventude do grupo.

Quanto à escolaridade das mães dos licenciandos, 19 estudaram até a 4ª série; 21 até a 8ª série; 15 completaram o ensino médio; 05 tinham o ensino médio incompleto; 18 o curso superior completo; 07 o superior incompleto; 07 assinalaram a opção “outra” e especificaram curso técnico e/ou pós-graduação (especialização e mestrado); 05 não responderam à questão.

Já as respostas para a “escolaridade do pai” ficaram assim distribuídas: 16 só estudaram até a 4ª série; 17 até a 8ª série; 24 tinham o ensino médio completo; 06 o ensino médio incompleto; 15 o superior completo; 08 o superior incompleto; 04 assinalaram a opção “outra”, especificando que 02 pais concluíram especialização e 02 um curso técnico; 02 assinalaram a opção “não sei”; 08 não responderam à questão.

Os dados de escolaridade mostraram que há muito pouca diferença entre mães e pais: a maior parte completou ou está completando o ensino médio, o que indica que os filhos, de modo geral, terão oportunidade de atingir um nível mais elevado de escolaridade do que seus pais.

Para a questão “sua família contribui financeiramente para sua manutenção?”: 24 responderam que “não”, 68 assinalaram o “sim” e 08 não responderam. Isso retrata que a maioria dos estudantes depende financeiramente dos pais.

Na questão em que os licenciandos tinham que indicar qual a renda mensal da família, computando os ganhos de todos os membros, inclusive os seus, observou-se a seguinte distribuição das respostas: 21 assinalaram “até 03 salários mínimos”; 48 “de 03 a 10 salários mínimos”; 14 “de 11 a 20 salários mínimos”; 02 “de 21 a 30 salários mínimos”; 01 “mais de 30 salários mínimos”; 06 assinalaram “não sei” e 08 não responderam. Grande

parte dos estudantes (74%) é originária de famílias que se situam nas camadas médias da população: percebendo até 10 salários mínimos.

Diante da questão “em sua casa, você tem computador conectado à Internet” 75% dos estudantes responderam afirmativamente, 22% disseram que não e 09 deixaram a questão em branco. Esse índice parece muito bom, em especial se comparado à população brasileira e se for considerado o nível socioeconômico da maioria dos estudantes.

Motivações para a escolha da profissão docente

Na questão que objetivava conhecer as motivações dos licenciandos para a docência, 80 estudantes assinalaram que se sentiam “desafiados a buscar novos métodos de ensino”; 05 se mostraram “descrentes do processo de ensino” e 15 se sentiam “num impasse entre o desafio da busca e o desânimo por não atingir meus objetivos”.

Esses dados revelaram uma atitude positiva da grande maioria dos estudantes (80%) para enfrentar os desafios que, eventualmente, encontrarão no ensino. Mostram-se dispostos a investir em novas formas de ensinar, provavelmente porque acreditam que, com isso, poderão atender mais efetivamente as crianças e jovens que têm acesso à escola.

A grande maioria dos estudantes do primeiro ano da licenciatura parece valorizar aquilo que Roldão (2007) considera a atividade específica da profissão, o *ensinar*. Mas qual seria a concepção de ensino desses estudantes? A ação de ensinar, segundo a autora, nos remete a uma série de entendimentos históricos e conceituais, um campo de tensões entre o “professar um saber” e o “fazer outros se apropriarem de um saber”. Na primeira concepção, ensinar é entendido como uma forma tradicional de transmitir informações acumuladas ao longo da história da humanidade e, na segunda, o ensinar é concebido como a capacidade de mobilizar o aprendiz para querer aprender, o que requer um vasto campo de saberes.

Segundo Roldão (2007):

A função de *ensinar*, nas sociedades atuais, e retomando uma outra linha de interpretação do conceito, é antes caracterizada, na nossa perspectiva, pela

figura da *dupla transitividade* e pelo lugar de *mediação*. *Ensinar* configura-se assim, nesta leitura, essencialmente como a especificidade de *fazer aprender alguma coisa* (a que chamamos *currículo*, seja de que natureza for aquilo que se quer ver aprendido) a *alguém* (o ato de ensinar só se atualiza nesta segunda transitividade corporizada no destinatário da ação, sob pena de ser inexistente ou gratuita a alegada ação de ensinar) (grifos da autora, 2007, p. 95).

Será necessário, pois, que, no curso de licenciatura, essas concepções sejam debatidas, para que não se reforce uma concepção tradicional de ensino como transmissão, que leva em conta apenas um dos lados do processo, o do professor. É importante que se destaque a dupla transitividade do ato de ensinar, como enfatiza Roldão (2007), em que ensinar é fazer com que o aluno aprenda.

Os dados também revelaram que 15% dos estudantes se sentem “num impasse entre o desafio da busca e o desânimo por não atingir meus objetivos”. Isso significa que os estudantes não estão muito seguros sobre o que farão no futuro. Seria interessante investigar melhor as razões dessas respostas. Seria decorrente da visão negativa com que a escola básica é hoje retratada na mídia? Seriam os baixos salários que não atrairiam os jovens? Seria uma clara decorrência da desvalorização social do professor da educação básica? É possível que várias dessas razões expliquem as respostas desse grupo.

Ainda houve cinco licenciandos que responderam que se sentem “descrentes do processo de ensino”. Vale a pena acompanhar esses estudantes ao longo do curso para verificar se essa opinião persiste ou se sofre modificações.

De modo geral, as respostas dos estudantes, futuros professores revelam uma motivação positiva para o ensino e uma disposição para encontrar alternativas que ajudem os alunos a se apropriarem dos conhecimentos, a aprender.

Expectativas quanto ao Futuro da Profissão

Quanto à questão “se eu fosse dar um conselho para você que quer ingressar no magistério eu diria”: 61% dos estudantes assinalaram a respos-

ta: “seus alunos aprenderão se você estiver preparado”; 38% assinalaram “não deixe escapar o sonho de ensinar a seus alunos” e um estudante assinalou as duas alternativas. A alternativa “não espero muito dos alunos” não foi assinalada pelos respondentes.

Verificamos que a maioria optou por uma resposta bastante objetiva, que valoriza o preparo profissional do professor e sinaliza a crença na capacidade de aprendizagem do aluno. Chama a atenção, no entanto, o número de respondentes que escolheu a opção que enuncia uma visão romântica: o “sonho de ensinar”. Será que o curso vai ajudar a mudar essa visão?

Na próxima questão, os estudantes deveriam dizer sim ou não para o seguinte enunciado: “minha família acha que fiz uma boa escolha profissional”. Dentre os 100 estudantes, 83% responderam afirmativamente e 16% disseram que não.

As justificativas dos estudantes para as respostas de que suas famílias não acham a docência uma boa escolha profissional incidiram sobre a baixa remuneração e a desvalorização do magistério como profissão. Um dos estudantes mencionou, inclusive, que iria trancar a licenciatura no final do ano e começar outro curso.

Quanto aos 83% que disseram ter o apoio da família em sua escolha profissional, as justificativas foram as mais variadas, mas houve certa concentração nas respostas de que seus familiares tinham alguma atividade ligada à educação, como pode ser ilustrado pela resposta de um estudante: “Meu pai é professor, e minha mãe está na faculdade de pedagogia também, eles deixaram em aberto a opção para meu futuro, e é isso que eu quero”.

Houve também respostas que deixaram evidente a valorização, por parte dos pais, do papel do professor, como, por exemplo: “Eles vêem o professor como o pilar da sociedade”. Esse tipo de visão pode ter um efeito muito positivo, reforçando a importância do professor, mas corre o risco de situar apenas no docente a responsabilidade pela qualidade do ensino. Sabe-se que há muitos fatores envolvidos no sucesso ou no fracasso escolar, advindos das políticas públicas, da gestão da escola, das condições institucionais. Caberá aos cursos de formação trazer à tona essa reflexão para não

reforçar uma visão simplista e unilateral que pode estar presente nas representações dos estudantes.

Também foram dadas justificativas que denotam uma visão quase ideológica da profissão, tal como: “estarei envolvida no aprendizado dos alunos, serei o passado/presente e o futuro deles, farei parte do que eles irão se tornar”. Também houve justificativas românticas, fundamentadas na afetividade, como “ser professor é uma profissão maravilhosa, mas exige muito amor”.

Por fim, houve uma justificativa que mostra a licenciatura como um momento transitório para uma definição profissional a mais longo prazo, como é ilustrado pela seguinte resposta: “depois de formada pretendo fazer um mestrado em engenharia industrial, para trabalhar em empresas”.

Quanto a questão: “meus amigos falam que ser professor” vale/não vale a pena, 79% das respostas indicaram que “não vale a pena”, 19% que “vale a pena”, um não respondeu e outro assinalou as duas respostas. As justificativas de que ser professor “não vale a pena” se concentraram na baixa remuneração e no incômodo na profissão. Na grande maioria das respostas, os estudantes mencionaram que os amigos alertam para a desvalorização da profissão. Algumas respostas ilustraram a opinião dos amigos: “não ganha bem e é maltratado pelos alunos e pelas escolas”; “os alunos são rebeldes e pagam muito mal para os professores”; “porque é uma profissão muito mal remunerada e sem estrutura (principalmente a rede pública), isso torna a profissão cansativa”; “essa profissão não é reconhecida pela sociedade, não tem valor nem para a população, nem para o governo”.

Os amigos que apoiam a escolha profissional dos estudantes, dizem acreditar na realização profissional, assim como, na “nobreza” da profissão: “só através dela você se realiza como pessoa, e é como o vinho quanto mais velho melhor”; “acreditam que o professor é nobre e diferencia-nos dos demais”; “na verdade porque eles acham que vida de professor é fácil, principalmente para os concursados”.

Constata-se que as opiniões dos pais e dos amigos divergem quanto à escolha profissional dos licenciandos. Apesar das justificativas serem, praticamente as mesmas, quanto à desvalorização do

profissional da educação, nos quesitos de baixo salário e de desvalorização social da profissão, os familiares (83%) apoiam a decisão dos estudantes, enquanto seus amigos os desencorajam (79%).

Na questão em que os estudantes deviam escolher qual a profissão que mais se aproximava à de professor, as respostas ficaram assim distribuídas: médico - 14; padre/pastor - 05; advogado - 03; pedreiro 11; engenheiro - 01; psicólogo - 47; 12 estudantes escolheram outra profissão, dentre as quais: dona de casa, vinicultor, trabalhador autônomo, artista, político, veterinário e sociólogo; e 07 estudantes não responderam. Assim, para a maioria, a profissão de professor está mais próxima à do psicólogo ou à do médico. Isso revela que, de alguma forma, eles percebem a docência como um campo em que se aplica um tratamento. Como afirmam Tardif e Lessard (2005, p.65), há diferenças entre a profissão docente e a do médico ou do psicólogo:

Os professores trabalham com grupos de alunos, com uma coletividade pública, ao passo que os médicos e terapeutas trabalham na maior parte do tempo em ambientes restritos, protegidos, com um só cliente de cada vez. O fato de trabalharem com coletividades apresenta dois problemas particularmente: a questão da equidade do tratamento e o controle do grupo. .

Tendo 61% dos estudantes relacionado à profissão de professor às de médico e psicólogo, será necessário um trabalho no curso de licenciatura para que estes percebam as diferenças e se tornem conscientes do caráter interativo da profissão e de sua dimensão pública e coletiva.

A última questão da “carta” era totalmente aberta e requeria que os estudantes deixassem uma mensagem para seu amigo ou sua amiga. Dos 100 respondentes, 69 completaram a consigna: “gostaria ainda de dizer que...”, o que mostra que eles gostaram do tipo de instrumento ou que ainda tinham algo a dizer.

A análise das respostas abertas possibilitou organizá-las em quatro grupos: a) visão idealizada da profissão; b) crença na função social da docência; c) satisfação com a opção pela licenciatura e docência; d) dúvidas quanto à opção.

Visão idealizada da profissão

Nesse grupo foram reunidas tanto as respostas que atribuíam à iniciativa pessoal do professor e à sua tenacidade o sucesso da profissão, quanto as que indicavam uma visão romântica da profissão. Cerca de 30 dos 69 respondentes escreveram uma mensagem que podia ser incluída nessa categoria. Termos como motivação, garra e dedicação foram recorrentes nas falas dos estudantes.

Para ser um professor que saiba motivar seus alunos, é preciso que primeiro ele esteja motivado e acredite naquilo que ensina.

Mesmo sabendo de todos os obstáculos que irei encontrar, tenho a certeza que darei melhor de mim para ajudar na formação de nossas crianças e adolescentes.

Pretendo ir a fundo e não me decepcionar com minha profissão. Quero ter garra e conseguir chegar lá.

Esta profissão é a que escolhi para a minha vida e não vou desistir independente das dificuldades.

Pretendo que todos os desafios que aparecerão possam ser cumpridos.

Irei me dedicar a minha profissão, para ser uma profissional capaz e competente.

Vou me preparar para ser uma ótima professora.

Para ser um bom professor, você tem que gostar e se dedicar à profissão.

Mesmo desapontado com o atual sistema educacional brasileiro, um estudante diz:

Apesar de não acreditar no sistema de ensino no Brasil, irei tentar ser um ótimo professor.

Para uma boa parte do grupo de estudantes, o ser professor está fundamentalmente ligado a um esforço pessoal. Parece que força de vontade, gosto pela atividade e dedicação serão suficientes para alcançar o sucesso profissional. É evidente que o gosto pela atividade, a motivação e a dedicação são ingredientes necessários para o exercício profissional. Mas não são certamente suficientes. Há conhecimentos específicos, por exemplo, sobre como se dá o processo de aquisição da escrita e o raciocínio matemático que são

absolutamente imprescindíveis para o professor das séries iniciais. E outros, de natureza pedagógica, psicológica, curricular, socioantropológica que devem fazer parte da formação. Será que os professores formadores estão atentos a esse modo de pensar dos estudantes de licenciatura? E o que farão diante disso?

Crença na função social da docência

Nessa categoria foram reunidas aquelas mensagens que imputam à docência um papel fundamental no desenvolvimento de uma sociedade melhor e mais justa. Alguns exemplos podem ilustrar essa visão:

Vale a pena pensar no futuro da sociedade, não somente no seu e da sua família.

O professor deve saber lidar com as diferentes classes sociais que vão aparecer dentro da sala de aula.

Precisamos unir forças para uma nação mais digna, por isso devemos nos empenhar para sermos diferentes e melhores a cada dia.

Ser professor é muito importante e necessário para a sociedade, pois os educadores são responsáveis pelo aprendizado dos outros.

Sou brasileiro e nunca desisto! Por isso acredito na evolução da educação e na transformação do nosso país.

Apesar das dificuldades, o fato de estar contribuindo para uma sociedade mais justa compensa as desavenças.

Ainda que encontremos muitas dificuldades no magistério, sem o professor nenhuma outra profissão existiria. Para tudo isso é necessário aprender e ensinar, papel de poucos heróis.

Esse último depoimento desperta preocupação porque atribui superpoderes à profissão o que revela uma visão mistificada da realidade, que precisaria ser submetida a uma severa análise crítica.

Nos vários depoimentos acima, pode-se observar tanto uma atribuição redentora à educação, como se fosse a salvadora da pátria, como um reforço ao importante papel sociopolítico do professor. É louvável que os estudantes enfatizem a dimensão política da docência, mas se deve investigar melhor se

essa é uma posição construída pelo estudante ou se é uma reprodução dos discursos ouvidos na família ou mesmo no curso de formação.

Além disso, cabe indagar se os estudantes que atribuem à docência uma importante função social têm consciência dos inúmeros fatores que concorrem positiva ou negativamente para a sua efetivação. Se isso não ficar muito claro, há o risco de jogar toda a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso escolar nas costas do professor ou de qualquer outro fator isolado, o que se aproximaria das observações do senso comum.

Pode-se concluir que essas concepções dos licenciandos acerca do professor e da profissão docente expressam aquilo que faz parte do imaginário social, que é marcado pela “gênese e desenvolvimento histórico da função docente” e pelos “discursos que circulam no mundo social e cultural acerca dos docentes e da escola”, como muito apropriadamente afirmam Garcia, Hypólito e Vieira (2005, p.54).

Caberá aos formadores do curso de licenciatura fazer emergir essas opiniões e possibilitar que os futuros docentes possam submetê-las à análise crítica com base nos conhecimentos profissionais veiculados nas disciplinas e demais atividades formativas.

Vale a pena pontuar ainda alguns aspectos que emergiram na análise das repostas abertas do questionário, como a satisfação ou a dúvida quanto à escolha da profissão docente.

Satisfação com a opção pela licenciatura/docência

Seis estudantes deixaram uma mensagem que mostrava sua satisfação com a escolha realizada, bem como com a formação recebida na universidade comunitária.

Estou realizada sendo uma profissional da educação.

Adoro meu curso e estou satisfeita com ele.

Não troco o curso por outro, pois estou decidida na minha escolha.

Adoro o curso que estou fazendo e pretendo utilizar outros métodos de aprendizagem, para fazer

com que todos tenham um ótimo desempenho profissional.

“Estou muito contente com a minha escolha e não me arrependo disso.

Uma dessas estudantes demonstrou expectativa de encontrar no curso as condições para atuar na profissão:

Mesmo assim, quero aprender e faço o curso porque gosto. Só vou saber como é lecionar quando estiver preparada.

Dúvida quanto à opção

Três estudantes manifestaram, em seus depoimentos, preocupação, e mesmo indecisão, sobre a escolha profissional:

Descobri que não é o que eu quero para a minha vida profissional.

Infelizmente não tenho certeza que fiz a melhor escolha, pois vejo colegas que se formaram na metade ou em um terço do tempo que estudei e que são melhores remunerados e reconhecidos pelos esforços, mas tenho esperança que alguém enxergue que um país depende da educação do seu povo.

Não pretendo lecionar para ensino fundamental ou médio, somente para curso superior.

Essa indecisão por parte de apenas três estudantes é até surpreendente porque é muito pequena, em especial se considerarmos que a maioria dos estudantes ingressou muito jovem na universidade e ainda estava no primeiro ano.

Em síntese

Os dados de caracterização dos alunos de licenciatura indicam que a grande maioria é muito jovem, pois 79% têm menos de 23 anos. Outro

dado ainda mais surpreendente é que 44% encontram-se na faixa etária entre 17 e 18 anos. São jovens que vivem com os pais e deles dependem financeiramente. Essa informação tem que ser seriamente considerada pelo curso de formação, já que se trata de um grupo que está praticamente no final da adolescência. Daí surge um desafio sobre como planejar e desenvolver sua formação profissional.

Ao registrar as opiniões da família e dos amigos sobre a sua opção pela docência, os estudantes parecem repetir os discursos que circulam na mídia e no senso comum, tanto sobre a importância da profissão quanto sobre as eventuais dificuldades que encontrarão no seu exercício. Cabe ao curso de formação um papel fundamental na desconstrução dessas idéias gerais e na construção de uma real profissionalidade docente.

A análise das respostas abertas sobre como os estudantes concebem a profissão revelou certa heterogeneidade: ora uma visão romântica e idealizada do ensino e da educação, ora uma crença na função social da docência. Talvez isso se deva ao fato de estarem apenas iniciando um longo processo de construção da sua profissionalidade. O que desponta, nesse momento, são idéias originadas de sua experiência enquanto aluno e dos discursos que circulam na mídia e em outros espaços da sociedade.

Os elementos identificados por esta pesquisa como constituintes das representações dos estudantes de licenciatura podem ser muito úteis à instituição, que poderá tomá-los como desafios para revisão do projeto político pedagógico e para o delineamento de práticas formativas voltadas ao atendimento da realidade concreta dos estudantes e das escolas e para o desenvolvimento de uma profissionalidade comprometida com uma educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. A Pesquisa sobre formação de professores no Brasil -1990-1998. In: CANDAU, Vera M. (Org.) **Ensinar e aprender**: sujeitos, saberes e pesquisa. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 83-99.
- BOURDONCLE, R.; MATHEY-PIERRE, C. Autour du mot “Professionalité”. **Recherche et Formation**, Paris, n. 19, p.137-148, 1995.

- CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.
- GARCIA Maria Manuela A.; HYPOLITO, Álvaro M.; VIEIRA, Jarbas S. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.1, p. 45-56, jan/abr., 2005.
- GIMENO SACRISTÁN, J.. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto, p. 63-91. 1995.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**. São Paulo: Cortez, 2000. (Questões da nossa época, 77.)
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. (Org.). **Psicología social I: influencia y cambio de actitudes: individuos y grupos**. Barcelona: Paidós, 1985.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- RAMALHO, B; NUNEZ, I; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, Autores Associados, v. 12, n. 34, p.94-103, jan./abr. 2007.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

Recebido em 30.04.09
Aprovado em 30.05.09